



ISSN 1984-5634

## ENTREVISTA

### **HISTÓRIA, CULTURA E TECNOLOGIA: UMA ENTREVISTA COM PETER BURKE**

*History, culture and technology: an interview with Peter Burke*

**ANDERSON ROMÁRIO PEREIRA CORRÊA<sup>1</sup>**

**LÚCIO GELLER JUNIOR<sup>2</sup>**

**YURI LEONARDO ROSA STELMACH<sup>3</sup>**

**JÚLIA BOLOGNINI KLASSMANN<sup>4</sup>**

**REGINA WEBER<sup>5</sup>**

**A** obra de Peter Burke pode ser descrita como uma oportunidade de conhecer um verdadeiro ateliê de figuras, recortes e coleções colocadas lado a lado, em diálogo ou ao avesso, que juntas formam um arranjo, uma galeria de possibilidades de leitura e interpretação. Nessa excursão, conhecemos desde os mitos e as imagens que tornaram alguns monarcas a própria encarnação do poder régio, passando pelas impressões de expatriados que viram, em diferentes épocas, uma chance de alargarem suas consciências ao desembarcarem em um novo país, até as contribuições

#### **EDITOR-CHEFE:**

Lúcio Geller Junior

#### **EDITORA-GERENTE:**

Maria Eduarda Magro

#### **COMO CITAR:**

CORRÊA, A.R.P.; GELLER JUNIOR, L.; STELMACH, Y.L.R.; KLASSMANN, J.B.; WEBER, R. História, cultura e tecnologia: uma entrevista com Peter Burke. *Aedos*, v. 13, n. 30, p. 9-20, jan.–jun., 2022.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

1 Professor Assistente na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), *campus* São Borja. Graduado em História pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP). Especialista em Gestão Educacional (URCAMP). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutorando em História pelo do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Conselho Editorial da Revista Aedos. Contato: andersoncorrea@unipampa.edu.br.

2 Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Graduado em História (UFRGS). Editor chefe da Revista Aedos. Contato: lucio.geller@gmail.com.

3 Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em História (UFRGS). Membro do Conselho Editorial da Revista Aedos. Contato: yuri.stelmach@gmail.com.

4 Tradução de Júlia Bolognini Klassmann, Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Graduada em História (UFRGS). Contato: julia.b.klassmann@gmail.com.

5 Revisão de Regina Weber, Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integrante do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História. Graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em História (Unicamp). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: regina.weber@ufrgs.br.

de inúmeros intelectuais que desafiaram as fronteiras do conhecimento.<sup>6</sup> Essas e outras questões, sempre sem deixar de assinalar a importância do debate historiográfico em face da interdisciplinaridade, estão presentes em suas mais de 39 obras, entre títulos escritos individualmente ou em coautoria, editadas em diversos países.<sup>7</sup>

Especialista em História Moderna, com foco na Europa, Burke é reconhecido pelos seus trabalhos ligados à história cultural. Segundo ele, as culturas jamais devem ser vistas de maneira isolada, e sim, sempre entremeadas e sujeitas a hibridizações. Mesmo olhar que move muitos destes seus estudos e que, em grande medida, o instigou a mergulhar em tal variedade de temas, personagens, ideias e, sem dúvida, fontes. Versado em diferentes línguas, como alemão, italiano, polonês, espanhol e português, podemos dizer que seus leitores e leitoras são recompensados em cada uma de suas páginas com uma escrita envolvente e elegante, além de análises sofisticadas e surpreendentes. Com 84 anos de idade e uma extensa agenda de aulas, palestras e escritos, Burke é um dos principais historiadores da atualidade e um autor que circula tanto entre estudantes e colegas de ofício, quanto entre o grande público mundo afora.

Nascido em Stanmore, Inglaterra, em 1937, Peter Burke fez seu doutorado na Universidade de Oxford, no final da década de 1950. Foi professor de história nas universidades de Essex, Sussex e Princeton, e atualmente é professor emérito em Cambridge. Além disso, foi professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA – USP), de 1994 a 1995. E em relação ao Brasil, ao lado dos estudos sobre o período moderno, Burke é também um dos maiores especialistas na obra de Gilberto Freyre. Autor do livro *Repensando os trópicos: Um retrato intelectual de Gilberto Freyre* (2008), escrito com a historiadora brasileira Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, com quem é casado; e, uma variedade de artigos sobre o sociólogo pernambucano; o país é uma constante em sua trajetória. Em 2009, publicou a coletânea *O historiador como colunista*, uma seleção de seus artigos escritos para o jornal *Folha de São Paulo* durante mais de uma década. Atividade que exerce até hoje, em outros periódicos, além de ministrar diversos cursos e conferências no país.

A amplitude dos temas demonstra o alcance das reflexões de Burke. Assim, não é por acaso que suas obras marcaram inúmeras gerações de estudantes brasileiros e estiveram no bojo das grandes transformações historiográficas operadas no Brasil das últimas décadas do século XX. Neste caso, a chamada nova história cultural, fruto dessa época, da qual Peter Burke fez parte, impactou profundamente os aparatos conceituais, os temas de investigação e as abordagens dos jovens pesquisadores que se formaram nos recém nascidos programas de pós-graduação em história do país. Arcabouço teórico que continua a influenciar as novas gerações, sobretudo devido as nuances introduzidas nas explicações históricas para complexificá-las, mas que jamais impediu Burke de arriscar trilhar caminhos diferentes e abrir os olhos para outras possibilidades de pesquisa. Todos esses aspectos, adiantando alguns pontos, são revisitados por ele ao longo da entrevista. Fato é que, até mesmo o seu ecletismo, tornou-se uma característica de vários estudos que, exemplificando com os publicados na *Aedos*, apropriam-se do pensamento deste talentoso historiador (FREITAS; LOPES, 2008; BRUINELLI, 2009, 2012; BALDISSERA, 2009; NASCIMENTO, 2009; SILVEIRA, 2009; DÖHLER; SOARES, 2012).

Por todas essas razões, o Conselho Editorial da *Aedos*, como parte do projeto de criação da edição *Acordes*, levantou a possibilidade de entrevistar Peter Burke. Maturada essa ideia, em junho de 2021, por intermédio do professor e editor da revista Anderson Romário Pereira Corrêa, foram realizados os primeiros contatos, dos quais, sempre muito receptivo, o historiador assentiu ao nosso convite. Mesmo com as inúmeras

<sup>6</sup> Ver, respectivamente: Burke (1992a; 2017; 2020)

<sup>7</sup> Listagem realizada pelo próprio historiador, que gentilmente nos encaminhou para ser publicada conjuntamente. A lista, disponível ao final da entrevista, conta com o nome dos livros, o ano de publicação e os países onde foram publicados. Compilação que pode auxiliar não apenas os estudiosos da obra de Burke, mas também pesquisadores interessados em seus temas de interesse ou em busca de referências bibliográficas, ainda que editadas, por enquanto, em outros idiomas.

restrições impostas pelas circunstâncias decorrentes do cenário pandêmico, Burke segue com sua rotina de eventos, ainda que remotamente, e, como ele mesmo declarou, mergulhado na leitura de um sem número de textos e fontes para o seu próximo livro. De modo que optamos por entrevista-lo textualmente via e-mail. Na formulação do roteiro de perguntas, somaram-se a essa empreitada os pesquisadores de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH-UFRGS) Lúcio Geller Junior, Editor-Chefe da *Aedos*, e Yuri Leonardo Rosa Stelmach, membro do Conselho Editorial, assim como Anderson R. Pereira Corrêa. A tradução para o português das falas de Burke, destinada à esta publicação, foi feita pela pesquisadora de mestrado desta mesma instituição, e editora da revista, Júlia Bolognini Klassmann.<sup>8</sup> A versão final do texto traduzido foi revisada pela professora Regina Weber, integrante do Departamento de História e do PPGH da UFRGS.

Como praticamente todas as atividades da *Aedos*, desde março de 2020, a organização desta entrevista, o diálogo entre os envolvidos e os afazeres descritos acima foram realizados de maneira inteiramente virtual. Nenhum dos integrantes deste projeto de entrevista encontrou-se presencialmente, nem mesmo para discutir este pequeno texto de apresentação, redigido a várias mãos. Embora seja um revista de circulação eletrônica, com um corpo de pareceristas e autores do Brasil inteiro, e muitos de fora, nunca a tecnologia esteve tão presente nas rotinas do próprio Conselho Editorial, que passou a funcionar, igualmente, de maneira remota. O que sem dúvida nos faz pensar, infelizmente a partir de uma guinada brusca, sobre o avanço do mundo das redes e das tecnologias digitais atualmente. Ainda que nos permitam, de fato, “romper” com o isolamento e as distâncias físicas, elas não estão fora do campo da cultura, contém camadas de tempo e espaço. Assim, não é surpreendente dizer que nós não somos simplesmente tragados pelas suas ondas, mas que agimos e fazemos parte delas. Essa é uma questão que Peter Burke, a propósito, acabou tocando ao longo da entrevista. Mesmo não se considerando um especialista em transformações tecnológicas, o historiador discute, dentro da história do conhecimento, alguns aspectos ligados à tais questões.

Para Burke, as mídias sociais são um dos principais exemplos da maneira como nos relacionamos com a tecnologia e nos justapomos a ela. A diferença mais significativa atualmente está na forma de circulação: “somos, de fato, bombardeados com imagens”, considera ele, por exemplo. No entanto, a historicização da antiguidade da ação humana frente a difusão de informação, ou desinformação, casos citados por Burke na entrevista e em artigo recente,<sup>9</sup> não deve nos impedir de abrir os olhos para as singularidades do mundo de hoje, nem de nos abirmos para refletir historicamente sobre o papel das novas tecnologias.

\* \* \*

**LÚCIO GELLER JUNIOR:** Professor, primeiramente, gostaríamos de agradecer o seu interesse e disposição em responder algumas de nossas perguntas. A *Aedos* é uma revista eletrônica discente de circulação semestral, gerida pelos próprios estudantes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nosso principal objetivo é proporcionar um espaço de divulgação e debate de trabalhos acadêmicos inéditos em História, como artigos, resenhas de livros e entrevistas com profissionais da área. É assim um grande privilégio para nós conversarmos hoje com o senhor. Suas obras e seus conceitos marcaram inúmeras gerações de estudantes brasileiros e, mais especificamente, nós aqui da UFRGS. Fazem parte dos nossos currículos e continuam sendo uma referência de primeira grandeza para muitas de nossas pesquisas. Deste modo, faremos algumas perguntas, propostas pelos membros do Conselho Editorial da *Aedos*,

<sup>8</sup> Para todos os efeitos, mantivemos as respostas no original para oferecer a possibilidade de uma leitura bilíngue.

<sup>9</sup> O artigo em questão, intitulado *A ignorância na política e a política da ignorância*, foi publicado em setembro de 2020, na *Revista Piauí*, e corresponde a um trecho de seu próximo livro, *Uma História Social da Ignorância*. Ver: Burke (2020)

sobre assuntos que perpassam a sua obra e que, ao mesmo tempo, refletem um pouco os problemas, interesses, demandas e questionamentos levantados nos trabalhos de nossos pesquisadores a partir dela.

**ANDERSON ROMÁRIO PEREIRA CORRÊA:** No livro *História e Teoria Social* (1992), ao falar sobre a convergência da Teoria com a História, o senhor cita uma passagem de Francis Bacon, que formula uma crítica aos empiristas e aos teóricos. Nesse sentido, o senhor diz que se não combinarmos a história com teoria é possível que não consigamos entender nem o passado e nem o presente. Hoje, o que o você pode acrescentar sobre Teoria Social e Mudança Social (estrutura e sujeito) na historiografia?

**PETER BURKE:** Devo confessar logo de início que eu não releio meus próprios livros, mas que tento repensar cada tópico conforme eles surgem. Quanto a *História e Teoria Social*, eu também devo confessar sua idade. O livro começou a ser publicado como *Sociologia e História* (1980), o qual fui convidado a escrever pelo sociólogo Tom Bottomore há mais de 40 anos atrás! Ele foi ampliado para HTS (1992, atualização 2005). Eu não tenho acompanhado a enorme literatura teórica desde então, seria um trabalho em tempo integral! Se eu começasse esse livro hoje, haveria muito a ser dito sobre 1) teoria ecológica, a quebra da distinção entre Natureza e Cultura e a história do meio ambiente e 2) teoria de gênero e história. Eu também faria referência a sociólogos posteriores, como os estudantes de Bourdieu que seguiram seus próprios caminhos, como Luc Boltanski e, mais recentemente, Bernard Lahire, e antropólogos que tiveram uma relação semelhante com Lévi-Strauss, como Philippe Descola e Eduardo Viveiros de Castro. Mas como eu disse, estou trabalhando com tópicos que me deixam sem tempo para retornar a esse tema!

*I must confess at the start that I don't reread my own books but try to think afresh on each topic when it comes up. So far as History and Social Theory is concerned, I must also confess to its age. The book began publication as Sociology and History (1980), which I was asked to write by the sociologist Tom Bottomore more than 40 years ago! It was enlarged into HST (1992, updated 2005). I haven't kept up with the huge theoretical literature since then, it would be a full-time job! If I began such a book today, there would be much to say about 1) ecological theory, the breakdown of the distinction between Nature and Culture and the history of the environment and 2) gender theory and history. I would also refer to later sociologists such as the students of Bourdieu who went their own way, such as Luc Boltanski and more recently, Bernard Lahire, and anthropologists who had a similar relation to Lévi-Strauss, such as Philippe Descola and Eduardo Viveiros de Castro. But as I say, I am working on topics that leave me no time to return to this theme!*

**ANDERSON ROMÁRIO PEREIRA CORRÊA:** No livro *Hibridismo Cultural* (2003), o senhor escreve que em certas relações culturais pode ocorrer o enriquecimento de uma das partes e, ao mesmo tempo, a perda das tradições regionais e raízes locais. No capítulo *Imitação e Apropriação*, o senhor escreve que quando uma cultura subordinada adota elementos de uma cultura dominante ocorre uma aculturação ou assimilação. Como você pensa os conceitos e os processos de dominação e resistência em uma perspectiva de História Social ou História Social da Cultura?

**PETER BURKE:** Dominação e Resistência são tópicos fundamentais na história social e cultural, especialmente quando envolvem persuasão ao invés de força – o que Gramsci e outros chamam de “hegemonia” cultural e “contra-hegemonia”. A ideia de hegemonia foi esclarecida pelo trabalho de dois antropólogos britânicos, Edwin e Shirley Ardener, que introduziram a ideia de “grupos mudos”, em outras palavras grupos dominados (incluindo mulheres) a quem faltam meios independentes de expressão e que, portanto, têm que se expressar

através do idioma dominante, o que, é claro, os limita.<sup>10</sup> Como você sugere, dominação e resistência podem ser analisados de um ponto de vista internacional tanto quanto local ou nacional, e “imitação e apropriação” são extremamente relevantes aqui. Australianos criaram o conceito de “constrangimento cultural” para se referirem ao senso de inferioridade de imitadores (como eles próprios, em relação à Grã-Bretanha). Mas cunhar o conceito é, em si próprio, uma forma de resistência cultural. Como a adaptação – em outras palavras, transformar o que é emprestado para servir ao mutuário, ao invés de simplesmente vestir as roupas de outra pessoa, ou, trocando de metáfora, para “digerir” o que é emprestado, como Oswald de Andrade celebrenemente sugeriu.

*Domination and Resistance are fundamental topics in social and also in cultural history, especially when they involve persuasion rather than force – what Gramsci and others call cultural ‘hegemony’ and ‘counter-hegemony’. The idea of hegemony was clarified by the work of two British anthropologists, Edwin and Shirley Ardener, who introduced the idea of ‘muted groups’, in other words dominated groups (including women) who lack an independent means of expression and so have to express themselves through the dominant idiom, which of course limits them. As you suggest, domination and resistance can be analysed from an international point of view as well as a local or national one, and ‘imitation and appropriation’ are extremely relevant here. Australians have coined the concept ‘cultural cringe’ to refer to the sense of inferiority of imitators (such as themselves, relative to Britain). But coining the concept is itself a form of cultural resistance. So is adaptation, in other words changing what is borrowed to fit the borrower rather than wearing someone else’s clothes, or to change metaphors, to ‘digest’ what is borrowed, as Oswald de Andrade famously suggested.*

**ANDERSON ROMÁRIO PEREIRA CORRÊA:** Ainda em *Hibridismo Cultural* (2003), o senhor considera que a hibridização pode acontecer na economia, na política, mas que vai se deter em analisá-la na cultura. E, novamente, em *Imitação e Apropriação*, discute a ideia de empréstimo. Os historiadores da economia, para falar de empréstimos, usam o termo transferência. Como se poderia utilizar uma abordagem cultural nas relações de produção e no processo de encontro de novas tecnologias no trabalho?

**PETER BURKE:** “Empréstimo” é, ainda, outra metáfora para o processo de imitação/apropriação, e “tradução cultural” uma metáfora para o processo de adaptar o que é emprestado à própria cultura. Quando minha esposa e eu estávamos escrevendo nosso livro sobre os ingleses (*Os Ingleses*, 2016), nós nos dirigimos especificamente aos leitores brasileiros, fazendo comparações e contrastes com o Brasil e, portanto, “traduzindo” a cultura inglesa. Eu prefiro a ideia criativa de “tradução” (ou a metáfora musical de “transposição”) ao conceito mais mecânico de “transferência” (como em “transferência de tecnologia”), uma vez que na maior parte do tempo o que é transferido precisa ser adaptado, produzindo híbridos (menos no caso da tecnologia do que, digamos, no gênero ocidental de romance do século XIX, que foi retomado em tantas partes do mundo – Mahfouz no Egito, Achebe na Nigéria, Tanizaki no Japão, para não falar da América Latina...). Eu não conheço o suficiente sobre tecnologia para dar uma resposta séria a sua pergunta. Bicicletas foram importadas para muitos países, ferrovias construídas pelos britânicos na Índia como no Brasil, mas eu me pergunto se adaptações locais foram necessárias ou não.

*‘Borrowing’ is yet another metaphor for the process of imitation/appropriation, and ‘cultural translation’ a metaphor for the process of adapting what is borrowed to one’s own culture. When my wife and I were writing our book about the English (Os Ingleses, 2016) we addressed it specifically to Brazilian readers, making comparisons to and contrasts with Brazil and so ‘translating’ English culture. I prefer the creative idea of ‘translation’ (or the musical metaphor of ‘transposition’) to the more mechanical concept of ‘transfer’ (as in ‘transfer of technology’), since most of the time what is transferred needs to be adapted, thus producing hybrids (less in the case of technology than, say, in the 19th-century western genre of the novel which was taken up in so many parts of the world – Mahfouz in Egypt, Achebe in Nigeria,*

10 Sobre o conceito de “grupos mudos”, ver: Ardener (1975).

*Tanizaki in Japan, not to speak of Latin America... ). I don't know enough about technology to give a serious answer to your question. Bicycles were imported into many countries, railways constructed by the British in India as in Brazil, but I wonder whether or not local adaptations were needed.*

**ANDERSON ROMÁRIO PEREIRA CORRÊA:** No livro *O que é História Cultural* (2004), o senhor escreve que a expressão Nova História Cultural passa a ser empregada, no final da década de 1980, para se referir a mudanças de paradigmas na História Cultural que são evidenciados a partir da década de 1970. Nessa obra você indaga se está ocorrendo uma renovação da Nova História Cultural. Em 2021, quase duas décadas depois, é possível responder se houve mais mudanças nela ou a partir dela?

**PETER BURKE:** É sempre arriscado para um novo momento se intitular “novo”, porque a passagem do tempo logo torna o adjetivo inapropriado. O movimento da “Nova História” nos Estados Unidos tem mais de cem anos! E hoje, “Nova História Cultural” parece datado, se referindo a um momento particular em países específicos no fim do século XX, e a uma aliança particular entre literatos e historiadores culturais. Greenblatt, o líder no campo literário, ainda é produtivo, mas seu trabalho mais original já passou. No campo da história, Natalie Davis continua a inovar, mas eu imagino que seus laços com antigos colegas da literatura tenham se enfraquecido.

*It is always risky for a new movement to call itself 'new' because the passage of time soon makes the adjective inappropriate. The 'New History' movement in the USA is over a century old! And today, 'New Cultural History' seems dated, referring to a particular moment in particular countries at the end of the 20th century and to a particular alliance between literary and cultural historians. Greenblatt, the leader on the literary side, is still productive, but his most original work is behind him. On the history side, Natalie Davis continues to innovate but I think her links with former colleagues in literature have weakened.*

**YURI LEONARDO ROSA STELMACH:** Em *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica* (2017), o senhor busca elevar o patamar de importância das imagens enquanto fontes históricas. No capítulo *Fontes e indícios*, o senhor argumenta que as imagens se constituem em um melhor guia – em comparação com os textos – para o poder de representações visuais das culturas passadas. Pensando na imensa quantidade de imagens que fazem parte da nossa existência contemporânea – enquanto produtores e consumidores – e nos seus diversos suportes – redes sociais, internet, televisão, cinema –, quais as maiores facilidades e dificuldades na utilização dessas fontes para os historiadores e historiadoras atualmente?

**PETER BURKE:** Nós somos, de fato, bombardeados com imagens, como você sugere, e podemos estar desenvolvendo uma espécie de cegueira que serve como proteção (eu raramente percebo *pop-ups* quando estou pesquisando *online*). Mas a mudança significativa não está no número de imagens, mas nas mídias através das quais elas circulam, especialmente as redes sociais, e a facilidade com que imagens podem ser falseadas ou alteradas de modo a dar uma impressão enganosa. Claro que essas práticas têm uma história, “retocar” Trotsky e outros fotos de Stalin, por exemplo, ou forjar uma reunião entre o Kaiser e Krupp, o distribuidor de armas, mas a tecnologia é muito mais sofisticada. Todavia, não é apenas na história da guerra, mas também na história da propaganda em que meios de ataque melhorados são seguidos por meios de defesa melhorados, e assim por diante. Eu espero ouvir mais no futuro sobre detectores de imagens falsas.

*We are indeed bombarded with images, as you suggest and we may be developing a kind of blindness that serves as protection (I rarely notice pop-ups when I am searching online). But the important change is not in the number of images but in the media through which they circulate, especially the social media, and the ease with which images can*

*be faked or altered so as to give a misleading impression. Of course these practices have a history, airbrushing Trotsky and others from photos of Stalin for instance, or faking a meeting between the Kaiser and Krupp the arms dealer, but the technology is much more sophisticated. However, it is not only in the history of war but also in the history of propaganda that an improved means of attack is followed by an improved means of defence, and so on. I expect to hear more in the future about detectors of fake images.*

**LÚCIO GELLER JUNIOR:** Em um artigo de setembro de 2020 na *Revista Piauí*, intitulado *A ignorância na política e a política da ignorância*, que é também um trecho de seu próximo livro, *Uma História Social da Ignorância*, o senhor discute práticas de disseminação da “ignorância”. Com alguns exemplos, demonstra como isto não é algo novo, mas que atualmente, com a escala global da mídia e do “mundo digital”, alcança audiências cada vez maiores e com mais velocidade. O “remédio” para isso, como afirma, estaria na educação e na constante discussão sobre a vida política. Em relação a isso, como a historiografia pode intervir nesse disseminação de *fake news*, discursos negacionistas, entre outros, para combater a “política da ignorância” e promover o pensamento crítico e o pluralismo de ideias?

**PETER BURKE:** Sim, eu enviei à *Piauí* uma parte de um capítulo do livro que estou escrevendo no momento. Uma vez que o artigo era pensado para o público em geral, eu não discute questões de historiografia, mas agora com o surgimento das redes sociais, historiadores precisarão utilizá-las como fontes, comparando e contrastando informações do *Facebook*, etc, com aquelas da mídia mais tradicional - televisão, jornais, etc. Não muito tempo atrás eu dei uma palestra sobre manipulação da mídia em uma conferência em São Paulo (Universidade Mackenzie, 2017), mas eu não discuti redes sociais (que, por sinal, eu mesmo não uso). Todavia, nós - membros da profissão histórica - precisamos estender os métodos críticos que praticamos a essas novas formas de fontes.

*Yes, I sent Piauí a part of a chapter in the book I am currently writing. As the article was intended for the general public, I did not discuss problems of historiography, but now that social media have come into existence, historians will need to use them as sources, comparing and contrasting information from Facebook etc with what comes from more traditional media – television, newspapers, etc. Not long ago I gave a lecture on the manipulation of the media to a conference in São Paulo (at Mackenzie University, 2017), but I did not discuss social media (which, by the way, I don’t use myself). However, we – members of the historical profession – need to extend the critical methods that we practice to these new forms of source.*

**LÚCIO GELLER JUNIOR:** Em *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000* (2017), o senhor inicia com uma conhecida observação de Frederick Jackson Turner, que diz: “cada época reescreve a história do passado à sua maneira, com referência às mais elevadas condições de seu tempo.” Nesse sentido, como menciona, este livro se localiza no cruzamento de duas preocupações do presente, as migrações e os saberes. Faço assim duas perguntas. Primeiro, ao buscar a compreensão do presente através do passado, a historiografia pode oferecer também perspectivas de futuro? E, segundo, a “desprovincialização” dos exilados e a abertura dos anfitriões a “novos modos de pensar”, neste caso, poderia ser uma forma de nos ajudar a vislumbrar diferentes maneiras de colaborar, compartilhar e mesmo imaginar outras formas de convívio no futuro?

**PETER BURKE:** Falando sobre o futuro, nós precisamos distinguir o futuro relativamente próximo, que algumas pessoas podem prever até certo ponto, do futuro mais distante, o objeto de “futurologia” mais imaginativa e menos confiável. “Futurólogos” extrapolam a partir de tendências atuais ou fazem comparações com tendências semelhantes no passado. A extrapolação funciona em grande parte, mas como Nassim Taleb aponta em seu

provocativo livro *A Lógica do Cisne Negro* (2007), muitas vezes pode dar completamente errado!<sup>11</sup> Retornando ao tema do exílio, eu fiz uma predição sobre as consequências do *Brexit* para a Grã-Bretanha, o perigo da reprovincialização seguindo a saída de intelectuais estrangeiros que não sabem mais se poderão ficar e trabalhar aqui. É verdade, como você sugere, é possível colaborar *online*, trocando e-mails a cada poucos minutos como se conversando em câmera lenta. Há pouco tempo eu editei um livro, *Debating New Approaches to History* (2018), com um talentoso jovem colega da Estônia (Marek Tamm) e, mais recentemente uma edição especial sobre histórias da ignorância com um igualmente talentoso jovem colega dos Países Baixos (Lukas Verburgt), mas é importante combinar tais “encontros” com reuniões cara-a-cara.<sup>12</sup>

*Speaking about the future, we need to distinguish the relatively near future, which some people can forecast to some extent, from the more distant future, the object of the more imaginative and less reliable ‘futurology’. Forecasters extrapolate from current trends or make comparisons with similar trends in the past. Extrapolation works for much of the time, but as Nathan Taleb points out in his provocative book *The Black Swan*, it can sometimes go completely wrong! Returning to the theme of exile, I made a prediction myself about the consequences of Brexit for Britain, the danger of re-provincialization following the exit of foreign intellectuals who can no longer rely on being allowed to stay and to work here. It is true that as you suggest, it is possible to collaborate online, exchanging e-mails every few minutes as if conversing in slow motion. Not long ago I edited a book, *Debating New Approaches to History* (2018) with a gifted young colleague from Estonia (Marek Tamm) and more recently a special issue on histories of ignorance with an equally gifted young colleague from The Netherlands (Lukas Verburgt), but it is important to combine such ‘encounters’ with meetings face-to-face.*

**LÚCIO GELLER JUNIOR:** Para concluir, aproveitando as duas últimas perguntas, quais os seus próximos projetos, assuntos de interesse ou mesmo o que planeja para o futuro em seus estudos?

**PETER BURKE:** Desde o final dos anos 1980, eu tenho trabalhado principalmente com a história do conhecimento, produzindo cinco livros nos diferentes aspectos do tema, dos quais o mais recente é o meu *O polímata: Uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag* (2020). Uma vez que eu acredito que virar um tópico de cabeça para baixo ou de dentro para fora permite *insights* que são difíceis de alcançar por outros meios (pense em historiadores da memória voltando-se ao esquecimento, por exemplo), eu decidi trabalhar com a ignorância. Eu tinha imaginado que com um tópico negativo como esse apenas um curto livro seria necessário, mas estou quase sobrecarregado pelo número de livros e artigos examinando a ignorância a partir de diferentes pontos de vista. De fato, alguns acadêmicos falam em “Estudos da Ignorância” como se fosse um campo multidisciplinar. Agora, quando estou escrevendo um livro sobre um assunto, eu tento não pensar muito sobre o que virá a seguir – pode ser tentador demais e me encorajar a terminar com pressa, o que seria uma pena. Todavia, eu posso confessar que antes que surgisse a ideia de uma história da ignorância, eu estava começando a trabalhar com minha esposa em um livro sobre a história da viagem e do conhecimento, dividido em duas partes – primeiro, conhecimento para viajantes, guias de viagem, etc., e em segundo lugar, conhecimento de viajantes, trazendo para casa relatos de terras exóticas.

*Since the end of the 1980s, I have been working mainly on the history of knowledge, producing five books on different aspects of the subject, of which the latest is my *Polímata*. Since I believe that turning a topic upside-down or inside-out allows insights that are difficult to achieve by other means (think of historians of memory turning to forgetting, for instance), I decided to work on ignorance. I had imagined that on a negative topic such as this only a short book is*

11 Ver mais em: Taleb (2021).

12 Referências recentes, editadas com outros autores, em: Burke e Tamm (2018); e, Burke e Verburgt (2021).

needed, but am almost overwhelmed by the number of books and articles examining ignorance from different points of view. Indeed, some scholars speak of 'Ignorance Studies' as if it was multidisciplinary field.

Now when I am writing a book on one topic, I try not to think too much about what will come next – it might be too tempting and encourage me to finish in a hurry, which would be a pity. However, I can confess that before the idea of a history of ignorance came to mind, I was beginning to work with my wife on a book about the history of travel and knowledge, divided into two parts – first, knowledge for travelers, guidebooks etc, and second, knowledge from travelers, bringing home accounts of exotic lands.

### LISTA DE REFERÊNCIAS ORGANIZADAS POR PETER BURKE<sup>13</sup>

BURKE, Peter. *The Renaissance Sense of the Past*. Londres: Arnold, 1969.

\_\_\_\_\_. *Culture and Society in Renaissance Italy*. Londres: Batsford, 1972. Traduzido para o tcheco, holandês, francês, alemão, húngaro, italiano, japonês, polonês, português, espanhol e chinês. [Ed. bras.: *O Renascimento italiano – cultura e sociedade na Itália*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.]

\_\_\_\_\_. *Venice and Amsterdam: a Study of Seventeenth-Century Elites*. Londres: Temple Smith, 1974. Traduzido para o italiano, holandês, português, francês, alemão, chinês e espanhol. Revisado pela editora Polity Press em 1994. [Ed. bras.: *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1981].

\_\_\_\_\_. *Popular Culture in Early Modern Europe*. Londres: Temple Smith, 1978. Traduzido para o albanês, bielorrusso, chinês croata, tcheco, holandês, alemão, húngaro, italiano, japonês, polonês, português, espanhol sueco, turco, búlgaro, ucraniano e coreano. Revisado pela editora Scolar Press em 1994. Versão *e-book* 2003. [Ed. bras.: *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995].

\_\_\_\_\_. *Sociology and History*. Londres: Allen and Unwin, 1980. Traduzido para o alemão, italiano, japonês, português e espanhol. Reescrito como *History and Social Theory* em 1992 pela Polity Press. [Ed. bras.: *Sociologia e História*. Porto, Afrontamento, 1980].

\_\_\_\_\_. *Montaigne*. Oxford: OUP, 1981. Traduzido para o alemão, coreano, espanhol, holandês, húngaro, italiano, japonês, português e turco. Reeditado 1993 como parte do livro *Renaissance Thinkers*. [Ed. bras.: *Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2006].

\_\_\_\_\_. *Vico*. Oxford: OUP, 1985. Traduzido para o alemão, coreano, italiano, japonês e português. [Ed. bras.: *Vico*. São Paulo: Unesp, 2001].

\_\_\_\_\_. *Historical Anthropology of Early Modern Italy: Essays on Perception and Communication*. Cambridge: CUP, 1987. Traduzido para o alemão, holandês, italiano e tcheco.

\_\_\_\_\_. *The Renaissance*. Londres, Macmillan, 1987. Traduzido para o albanês, alemão, bielorrusso, búlgaro, catalão, cazaque, chinês, espanhol, georgiano, holandês, húngaro, italiano, japonês, lituano, polonês, português, macedônio, quirguiz, romeno, sueco e turco. [Ed. bras.: *O renascimento*. Lisboa: Texto & Grafia, 2008].

\_\_\_\_\_. *Küchenlatein*. Berlim: Wagenbach, 1989. Traduzido para o italiano.

<sup>13</sup> As edições de algumas línguas ainda não foram lançadas em seus respectivos países.

\_\_\_\_\_. *The French Historical Revolution: the Annales School, 1929-89*. Cambridge: Polity, 1990. Traduzido para o albanês, alemão, chinês, esloveno, espanhol, húngaro, italiano, japonês, macedônio, português, tcheco, sueco e turco. Revisado e ampliado pela Cambridge Polity em 2015. [Ed. bras.: *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997].

\_\_\_\_\_. *The Fabrication of Louis XIV*. Nova Haven e Londres: Yale University Press, 1992a. Traduzido para o alemão, chinês, espanhol, francês, holandês, italiano, japonês, português e sueco. [Ed. bras.: *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994].

\_\_\_\_\_. *History and Social Theory*. Cambridge: Polity Press, 1992b. Traduzido para o bielorrusso, chinês, coreano, espanhol, georgiano, grego, italiano, indonésio, japonês, persa, polonês, português, romeno, sérvio e turco. [Ed. bras.: *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002].

\_\_\_\_\_. *O Mundo como Teatro: Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992. Ensaios não publicados anteriormente com uma nova introdução.

\_\_\_\_\_. *The Art of Conversation*. Cambridge: Polity Press, 1993. Traduzido para o alemão, espanhol, italiano, português, sueco e turco. [Ed. bras.: *A arte da conversação*. São Paulo: Unesp, 1995].

\_\_\_\_\_. *The Fortunes of the Courtier: The European Reception of Castiglione's*. Cambridge: Polity Press, 1995. Traduzido para o alemão, chinês, espanhol, francês, italiano e português. [Ed. bras.: *As Fortunas d'O Cortesão: A recepção europeia ao cortesão de Castiglione*. São Paulo: Unesp, 2001].

\_\_\_\_\_. *Varieties of Cultural History*. Cambridge, Polity Press, 1997. Traduzido para o alemão, chinês, espanhol, estoniano, italiano, português e tcheco. [Ed. bras.: *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000].

\_\_\_\_\_. *The European Renaissance*. Oxford: Blackwells, 1998. Traduzido para o alemão, chinês, espanhol, francês e italiano.

\_\_\_\_\_. *A Social History of Knowledge from Gutenberg to Diderot*. Cambridge, Polity Press, 2000. Traduzido para o alemão, chinês, coreano espanhol, italiano, japonês, português, romeno, tcheco e turco. [Ed. bras.: *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003].

\_\_\_\_\_. *Eyewitnessing*. Londres, Reaktion, e Ithaca: Cornell, 2001. Traduzido para o alemão, chinês, coreano, croata, espanhol, grego, italiano, japonês, polonês e português e turco. [Ed. bras.: *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Bauru: Edusc, 2004].

BRIGGS, Asa; \_\_\_\_\_. *A Social History of the Media, from Gutenberg to the Internet*. Cambridge: Polity Press, 2002. Traduzido para o alemão, árabe, chinês, croata, espanhol, grego, holandês, húngaro, indonésio, italiano, japonês, polonês e português, romeno, sérvio e turco. [Ed. bras.: *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004].

\_\_\_\_\_. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo. Unisinos, 2003. [Versão expandida em inglês: *Cultural Hybridity*. Cambridge: Polity Press, 2009]. Traduzido para o chinês, coreano, espanhol, grego, italiano, japonês, letão e turco.

\_\_\_\_\_. *What is Cultural History?* Cambridge: Polity Press, 2004. Traduzido para o alemão, chinês, coreano, croata, espanhol, esloveno, estoniano, grego, holandês, italiano, japonês, letão, persa, polonês, português, russo, sérvio, sueco, tcheco e turco. [Ed. bras.: *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005].

\_\_\_\_\_. *Languages and Communities in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Traduzido para o alemão, chinês, espanhol, italiano, japonês, polonês, português e tcheco. [Ed. bras.: *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo, Unesp, 2010].

\_\_\_\_\_; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics*. Oxford: Peter Lang, 2008. Traduzido para o português. [Ed. bras.: *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Unesp, 2008].

\_\_\_\_\_. *O historiador como colunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Social History of Knowledge II: from the Encyclopédie to Wikipedia*. Cambridge: Polity Press, 2012. Traduzido para o alemão, chinês, coreano, espanhol, grego, italiano, português, tcheco e turco. [Ed. bras.: *Uma história social do conhecimento: II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.].

\_\_\_\_\_. *What is the History of Knowledge?* Cambridge: Polity Press, 2016. Traduzido para o coreano, espanhol, português e turco. [Ed. bras.: *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Unesp, 2016].

\_\_\_\_\_; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os Ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. *Hybrid Renaissance: culture, language, architecture*. Budapeste: CEU Press, 2016.

\_\_\_\_\_. *Secret History and Historical Consciousness: from the Renaissance to Romanticism*, Brighton: E.E. Root, 2016. [Coletânea de ensaios, vol. 1].

\_\_\_\_\_. *Exiles and Expatriates in the History of Knowledge*. Waltham: Brandeis University Press, 2017. Traduzido para o espanhol, italiano e português. [Ed. bras.: *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. São Paulo: Unesp, 2017].

\_\_\_\_\_. *Knowledge, Culture and Society*. Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2017.

\_\_\_\_\_. *What is History Really about? Reflections on theory and practice*. Brighton: E.E. Root, 2018 [Coletânea de ensaios, vol. 2].

\_\_\_\_\_. *Identity, Culture and Communications in the Early Modern World*. Brighton: E.E. Root, 2018 [Coletânea de ensaios, vol. 3].

\_\_\_\_\_. *Myths, Memories and the Representation of Identities*. Brighton: E.E. Root, 2019 [Coletânea de ensaios, vol. 4].

\_\_\_\_\_. *History as Spectacle: Charles V and Imagery*. Brighton: E.E. Root, 2019 [Coletânea de ensaios, vol. 5].

\_\_\_\_\_. *The Polymath: A cultural history from Leonardo da Vinci to Susan Sontag*. Nova Haven e Londres: Yale University Press, 2020. Traduzido para o alemão, chinês, espanhol, italiano, português e russo. [Ed. bras.: *O polímata: Uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*. São Paulo: Unesp, 2020].

\_\_\_\_\_. *Play in Renaissance Italy*. Cambridge: Polity Press, 2021. Traduzido para o alemão.

## REFERÊNCIAS

ARDENER, Shirley (ed.). *Perceiving Women*. Londres: Malaby Press, 1975.

BALDISSERA, José Alberto. Ideias (visões) de Idade Média no Cinema. *Aedos*, v. 2, n. 2, 2009.

BRUINELLI, Tiago Oliveira. Fotografias e as muitas faces do poder: possibilidades da mídia fotográfica no ensino/aprendizagem da “Revolução de 1930”. *Aedos*, v. 4, n. 11, 2012.

\_\_\_\_\_. Simbologia Animal: a pomba e o corvo nos bestiários medievais. *Aedos*, v. 2, n. 2, 2009.

BURKE, Peter. A ignorância na política e a política da ignorância. *Piauí*, n. 168, set. 2020. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/ignorancia-na-politica/> > Acesso em: 26 mai. 2021.

\_\_\_\_\_; TAMM, Marek. *Debating New Approaches to History*. Nova York: Bloomsbury Academic, 2018.

\_\_\_\_\_; VERBURGT, Lukas. Introduction: Histories of Ignorance. *Journal for the History of Knowledge*, v. 2, n. 1, 2021.

DÖHLER, Ana Paula de Oliveira; SOARES, André Luis Ramos. História no ensino médio: utilização de imagens e desenvolvimento de competências. *Aedos*, v. 4, n. 11, 2012.

FREITAS, Iohana Brito de; LOPES, Marcos Felipe de Brum. O Rio de Janeiro sob schematas: as representações de Thomas Ender. *Aedos*, v. 1, n. 1, 2008.

NASCIMENTO, José do. Catarina de Sena: Uma escritora do século XIV. *Aedos*, v. 2, n. 2, 2009.

SILVEIRA, Aline Dias da. Cristão, Muçulmanos e Judeus na Medievalística Alemã: reflexões “para um novo conceito de Idade Média”. *Aedos*, v. 2, n. 2, 2009.

TALEB, Nassim Nicholas. *A lógica do Cisne Negro: o impacto do altamente improvável*. São Paulo: Objetiva, 2021.